

Índios na Visão dos Índios



Bahetá

Pataxó-Hã-hã-hãe

Índios na Visão dos Índios Pataxó-Hã-hã-hãe



Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade
Edição 2004 - Categoria Divulgação

Realização



THYDEWAS

Autor: Comunidade Pataxó-Hã-hã-hãe
Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio

**Banco do
Nordeste**

O nosso negócio é o desenvolvimento



Ministério
da Cultura

Ministério
da Educação



O povo da nação Pataxó-Hã-hã-hãe é o verdadeiro autor deste livro.

Os textos, as fotografias, os desenhos e a arte-finalização foram feitos pelos próprios índios.

THYDEWAS quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da nação Pataxó-Hã-hã-hãe; especialmente a: Akanawuan (Aranha), Alapity (Paulo), Fabinho, Luis, Rodrigo e Dona Maura Titia; Nailton, Maya (Dona Maria), Luzineth, Olinda Muniz; Yrá, Dona Liu, Juvenal, Niraldo, Yaranawy (Si), Hamahãe, Açaí, Walter e Thyrry (Iglesio) Jesus dos Santos; Yonana, Michelle, Puhuy, Iata, Pamboca, Poliana, Gildete, Dona Marta, Dona Justina, Dona Joana, Itohã, Romildo, Dona Lurdes, Dona Elisinha, Osmar Julio da Silva, Diolina, Juracy, Pedro, Caçula, Ilza, Maria dos Anjos, Lucidalva, Antonio, Elza...

Agradecemos também a: Atiá Pankararu, Samia Essadi, Guillaume Bertrand, Chantal Grimal, Samuel Wanderley, Ivana Cardoso e família, Viviane Jacó, Mônica Koester, Diógenes e Nico Czajca.

Este trabalho começou a ser sistematizado em 2003. Realizamos Oficinas de Expressão facilitadas por Nico Czajca e Sebastian Gerlic. Desde abril de 2004 que, através de satélite, os índios utilizam a Internet para publicar suas matérias e denúncias, buscando fortalecer suas culturas e promover o desenvolvimento e a paz em suas comunidades, contando, para isso, com o apoio do Ministério da Cultura, através do Programa Cultura Viva e com o Instituto Oi Futuro, através do Programa Novos Brasis. Este livro recebeu também o apoio de: La Maison des Droits de l'Homme de Limoges (França) e le Conseil Régional Limousin (França). Sendo editado em março de 2007 com a parceria do Ministério da Educação, através do CAPEMA e do Banco do Nordeste, dentro do Programa BNB de Cultura, totalizando 2.000 exemplares.

Projeto Educativo Sócio-Cultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Realização: THYDEWAS

Idéia e Coordenação: Sebastian Gerlic

Projeto Gráfico e Editoração: Anápuáka Pataxó (Erick Muniz)

Consultoria: Derval Cardoso Gramacho

Assessoria de Imprensa: Lílían Calmon

Produção: Ivana Cardoso e Viviane Jacó

www.indiosonline.org.br



Creative Commons: Você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:



Atribuição: Devem dar crédito ao autor da matéria, mencionando seu nome e sua nação e especificar a fonte de onde foi extraído o material.



Uso não-comercial: Não pode ser utilizada esta obra com finalidades comerciais sem autorização do autor.



Vedada a criação de obras derivadas: Não pode ser alterada, transformada ou criada outra obra com base nesta sem autorização do autor.





Na minha aldeia tem
Beleza sem plantar.
Eu tenho o arco eu tenho a flecha
Eu tenho raiz para curar
Viva Tupã! Viva Tupã! Viva Tupã!
Que nos vem trazer a luz!

Ritual do Toré

Eu, Tawahi (Rodrigo), estou estudando a sétima série, tenho 13 anos e sou da etnia Pataxó-Hã-hã-hãe. Vendo a necessidade de manter nossa cultura viva, resolvi então fazer um texto para este livro: **ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS**, para que a nossas comunidades acordem mais; para aprendermos mais com os nossos anciões, para partilhar um pouco de nós e assim parar a discriminação.

Sei que o livro: Pataxó-Hã-hã-hãe vai nos passar muitas coisas. Sei que nossos professores vão esclarecer as histórias dos nossos ancestrais e conscientizar a todos os alunos. Sei que este livro vai fortalecer nossa cultura e nosso povo. Sei que também será uma boa contribuição para nossa sociedade pluriétnica e pluricultural.



Para introduzir o tema indígena na sala de aula sugerimos:

1. **UMA HISTÓRIA REALISTA**, de Iatã (Aliana Gomes).

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=340&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more340>

2. **POVOS INDÍGENAS**, de Iatã

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=654&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more654>

3. **A HISTÓRIA DO R, F E L**, de Akanawan (Reginaldo Ramos dos Santos)

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=338&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more338>

4. **UM ÚNICO REMÉDIO: AMOR**, de Fábio Titiá

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=754&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more754>

Foi uma raiz muito forte, uma raiz de esperança.

Foi uma das índias “conquistada” no mato... Ela foi um grande exemplo de vida para toda a comunidade... Uma conselheira, uma orientadora... Ela nos ensinava a respeitar a natureza, fazer nossos remédios do mato, caçar, a pescar e o nosso idioma. Ajudava nas retomadas, sempre orientava para que todos os indígenas voltassem ao território. Todos nós tínhamos ela como bisavó.

Morreu em 1992, resistiu 120 anos. Morreu de cólera. A FUNAI que “cuidava” da saúde dos índios na época não fez muitos esforços contra a epidemia que matava os índios.

Bahetá



Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.indiosonline.org.br/

 **ÍNDIOS ON LINE**

OCA NAÇÕES ATIVIDADES FÓRUM CURSOS DIÁRIOS CHAT

CONTAR NOSSA HISTORIA

Nós nem sabíamos direito o que vinha a ser internet e o que ela poderia nos trazer... Puhuy falou...então, veio Índios On Line para nos ajudar a andar com nossas próprias pernas... Thyrry disse.

O objetivo de nós Povos indígenas é mostrar as nossas histórias reais. Chega de histórias enganosas, que até as nossas crianças indígenas estavam aprendendo... Foi aí que nós Índios começamos mais uma luta, por uma Educação que realmente tenha valor para nossas crianças, uma educação verdadeira, educação diferenciada e de qualidade. Pensando também na educação de todos os brasileiros e para que acabar com os preconceitos, a gente faz este livro, a gente escreve no nosso site... A gente se mostra.



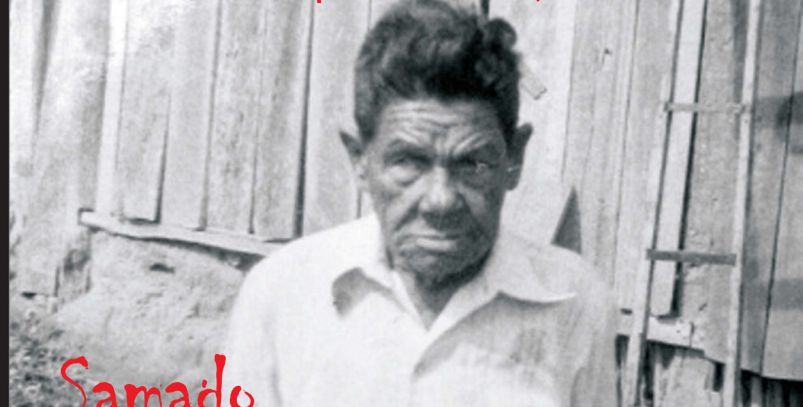
Itôhã
itoha@indiosonline.org.br

 **CULTURA VIVA**

Home Quem Somos O que fazemos Onde Estamos Contato Cadastre-se

SOMOS POVO SOFRIDO QUE LUTA PELA PAZ, POR ISSO ESTAMOS AQUI NESSE SITE
DIVULGANDO NOSSA HISTORIA, NOSSA CULTURA. Poliana
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=877&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more877>

para minha terra, mas dela não saio!" "Sirvo até de adubo p
!" "Sirvo até de adubo para minha terra, mas dela não saio!
o para minha terra, mas dela não saio!" "Sirvo até de adubo
!" "Sirvo até de adubo para minha terra, mas dela não saio!"



Samado

É outra das raízes que resistiu aqui no nosso território... Aprendemos muito sobre como lutar pelo nosso território... Ele nunca fugiu da luta... Nos ensinava a resistir....Nos orientava... Ele chamava as mulheres para lutar junto, sem nenhuma discriminação... Lutava sempre pelos direitos da comunidade... Ele foi um grande professor... Nos aconselhava sobre como reivindicar nossos direitos....

Em 1998, com aproximadamente 70 anos, ele morreu. Morreu por falta de assistência da FUNAI. Ele foi e ainda é um grande guerreiro para nós..

O nosso povo era acostumado a viver no mato, onde tinha a cura deles, onde tinha o modo de falar no idioma deles... Meus pais moravam na mata, mas um dia o SPI (*Serviço de Proteção ao Índio*) tirou eles da mata; foi quando abriram o posto Caramuru-Paraguaçu, que no princípio era em Itaju do Colônia, lá começaram a aldeiar os índios.

Naquela época eles capturavam muitos índios da mata e tratavam de todo jeito. Botaram no meio dos "civilizados". Eles pegaram os maridos e deixaram as esposas no mato ou pegaram os filhos e traziam sem a mãe, sem o pai... Muitas crianças foram criadas pelo chefe de posto. Existia um lugar onde eles prendiam os índios, eles falavam que era para amansar... No lugar onde eles ficavam presos tinha pressão para eles aprender a falar português, comer comida de sal e aí foi onde morreu muitos índios. Muitos morriam também de tristeza, amarrados a um pau e com saudades dos parentes que ficaram no mato. Minha mãe, Rosalina, era da tribo Baenã. Pegaram ela e duas crianças e ficou o marido e mais filhos no mato. Dois filhos vieram do mato com ela. Ela nunca mais pôde se encontrar com o povo dela. Ela era uma índia muito triste. Casaram ela com meu pai, o Txitxiá, que era da tribo Hã-hã-hãe, que também trouxeram sozinho do mato. Ela foi pega na beira do rio Pardo e ele foi pego na Serra do Couro D'antas. Aí ela construiu uma nova família, veio meus irmãos: Maria Grande, Maria de Lourdes, Tán, veio mais irmão que morreu. Daqueles filhos dela que veio do mato um morreu porque eles deram comida de sal...

Ficamos lá em Itaju do Colônia, na aldeia. Para os meus pais era muito difícil, porque eles tinham costume de viver na mata, morar em seus ranchos, suas ocas e passaram a viver dentro d'uma casa de tijolos, vestindo roupas, presos... Eles não tinham mais a liberdade de caçar, pescar, continuar a cultura deles... Quando a gente nasceu, eu e meus irmãos, a maior parte dos nossos índios já tinha morrido, só tinha poucas famílias índias que veio do mato. Tinham pouca terra e vivíamos por conta do chefe do posto do SPI, que dava ordens e mandava em nós... A gente fazia o que o chefe de posto queria... Ele botava a gente para trabalhar. A gente se sentia como se fosse escravo. Meu pai e minha mãe, eles não sabiam se defender da civilização, então eles obedeciam tudo. Foi tempo de muitas mortes, quase que só fomos ficando nós índios que nascemos dos que vieram do mato. Nós éramos um grupo de índios criados ali naquele pedaço de terra. O chefe de posto começou a arrendar nossa terra, tirando a terra da gente, a

gente ficando só com um pouquinho de terra. A maior parte dos índios, aqueles que já sabiam falar o português, que entendiam trabalhar fora, foi saindo da aldeia. A mulher do chefe de posto pegava aqueles índios de dez, onze, nove anos, pegava e dava a outras famílias fora da nossa aldeia, lá nas cidades grandes. Muitos dos nossos índios foram levados para a cidade grande. Tirado dos pais e levado. Dizendo eles assim, que a gente tinha que trabalhar para fora, porque nossa terra ia acabar e o governo não ia dar mais nada a gente. Muita gente saiu da aldeia chorando... Comigo aconteceu também. Me tiraram do meio dos meus pais para eu morar com uma família lá em Itabuna. Lá eu fiquei um tempo, depois eu não agüentei aquela vida lá... Ser mandada... E voltei para cá. Quando eu cheguei, meus pais já estavam fracos, não tinha mais nada para comer, não tinha mais nada para caçar, peixe no rio era difícil, o chefe de posto não ajudava mais... Com pouco tempo meu pai morreu. De índio mesmo, da mata, só ficaram minha mãe, Bahetá, Onhak e Dedé, só ficaram esses quatro dos que pegaram daquela mata. Muito fracos, muito oprimidos de ficar naquele pedaço de terra sem nada.

Muitos índios saíam para trabalhar nas cidades, outros, quando os fazendeiros tomavam as terras dos índios, ficavam trabalhando ali como escravo... Não sabia para onde ir e ficava ali mesmo. Eu mesmo já passei até fome, porque na nossa aldeia desmataram tudo, só ficou o capim, que eles plantavam para criar gado, e só dava "licuri na manga" (*licuri é um coquinho comestível que tem na mata*). A gente vivia do peixe que ainda tinha e do licuri, que a gente catava para sobreviver.

Em 1966, me casei. Eu e meu marido trabalhamos muito nas fazendas dos outros. Quando a gente estava na fazenda e eles descobriam que éramos índios, a gente tinha que sair. Eles não aceitavam índio trabalhando com eles.

Em 1982, foi quando um grupo de índios que morava fora se reuniu e voltou para cá, na liderança do cacique Samado, um velho da tribo Sapuyá, que já vivia aqui há muitos anos, que sempre lutou pela nossa terra, ele e o índio Desidero me procuraram e nos unimos para fazer as retomadas.

Em 82, foi muito sofrimento porque veio a revolta dos fazendeiros contra a gente e foi muita briga, as lideranças lutando junto, viajando para Brasília. Os fazendeiros exigiam que a terra fosse demarcada de novo. Foi quando começaram a matar nossas lideranças, mas conseguimos juntar vários índios que na época saíram corridos e retornaram para a aldeia. E nós juntos com essas famílias, com a família do

ÍNDIOS MORAVAM

NA MATA

Samado, a de Nailton, e dos Kariri-Sapuyá, nós lutamos para retomar mais fazendas. Porque essas fazendas eram a mata onde viviam os índios que os fazendeiros foram matando. Botavam fogo nas casas dos índios, botavam os índios para correr... Desmatando tudo e botando roça de cacau, que na época era muito forte, e capim... Fomos viver todos juntos e tentando não perder mais da nossa cultura...

Quando o SPI invadiu a aldeia para tomar conta dos índios, eles fizeram a perversidade de tirar nosso idioma. Fez a gente ficar todo "civilizado", tirou quase tudo da gente, e agora tá sendo difícil p'ra gente... Porque hoje, a maior parte da sociedade exige que a gente tenha nossa cultura. Às vezes, muitos dizem: "Ah, eles não são mais índio"! Esquecendo os massacres na nossa aldeia, a invasão... Só não tirou tudo porque a gente carrega no nosso sangue ser índio, nossa cultura, porque cada um de nós busca no nosso ritual, nossa tradição, nosso costume. Hoje nós estamos em Água Vermelha, Ourinho... Que tudo era nossa terra tradicional. Hoje voltamos. O fazendeiro não conseguiu tirar a terra toda da gente. Fomos desmanchando nossas casas, correndo e voltando e recomeçando, foi assim que nós conseguimos que eles não tomassem tudo. Eles insistem porque até hoje ainda estão aqui... Quando a Justiça nos reintegra um pedaço de nossa terra, o fazendeiro indenizado, antes de sair quebra tudo e corta tudo. Muitos do nosso povo estão passando necessidade, porque não sabe se sustentar com essa roça de cacau doente, e a FUNAI não tá dando assistência.

Com muita luta, morte, sangue, às vezes muita perversidade, conseguimos chegar até um pouco da nossa terra. Não é nossa terra toda, como é na história, como é marcada... Espero que algum dia a gente bote um basta nisso e vivamos na nossa aldeia com tranquilidade.

Doma Maura

UMA GARÇA TRISTE. Por Fábio Titia

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=753&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more753>

TUDO PELA MÃE TERRA. Por Fábio Titia

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=578&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more578>



É com nossa luta e resistência



QUE nós vamos melhorando.

Na época que foi para demarcar essa terra teve muita briga com os fazendeiros da região, morreu muito índio... Os fazendeiros tinham muita força porque o chefe de posto do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) arrendava nossas terras para eles, impedindo que a demarcação seguisse. Só em 1938 foi concluída a demarcação do posto indígena Caramuru—Catarina Paraguaçu. Dessa data em diante começou as pressões dos fazendeiros contra os Pataxó-Hã-hã-hãe. Sofremos aqui muito tipo de violência, até que chegou ao ponto de expulsarem quase todos os índios das suas terras.

Aqui vivia os Pataxó, os Baenã, os Kariri-Sapuyá, os Tupinambá, os Hã-hã-hãe... O tempo passou, ficando um grupo no posto indígena Caramuru, na região de Itaju do Colônia, e bastante tempo depois o índio Samado se instalou na região do Panelão, onde sobreviveu todo esse tempo, até 1982 – data em que começou o grande retorno dos índios para cá. Enquanto eu articulava o povo da nossa família, Samado e Gino andavam para Brasília em busca do apoio da FUNAI para que pudessem mais índios e de melhor maneira viver aqui no posto indígena Caramuru. Em 1982, 19 de abril, um grupo que morava na fazenda Guarani, em Minas Gerais, com apoio da FUNAI, voltou a suas terras de origem.

Nessa época, o governador da Bahia era Antonio Carlos Magalhães, que de igual forma que seu antecessor Roberto Santos, doou para os brancos títulos de posse

Roberto Santos, doou para os brancos títulos de posse das nossas terras. ACM ia eleger seu sucessor Clériston Andrade, e os fazendeiros da região não apoiavam esse movimento. Por isso, o Paulo Moreira Leal, que era o presidente da FUNAI na época, conversou com ACM e fizeram uma jogada: apoiar a volta dos índios, para que os fazendeiros se sentissem pressionado, onde a FUNAI, junto com o governo, ofereceram aos fazendeiros que se ACM ganhasse tiraria os índios das terras. E os fazendeiros condicionaram que só votariam no candidato de ACM se tirasse primeiro os índios das terras. Foi quando, em 1982, os índios foram transferidos para Almada (Sul da Bahia). Ficou um grupo aqui, o grupo da família Muniz, o grupo da família Titiá e o grupo da família Samado se juntaram e resistiram à transferência, sendo que um grupo maior foi transferido. E assim o grupo que ficou entrou com mandado de segurança pedindo à FUNAI que os índios transferidos voltassem. Tivemos a sorte que a juíza deu uma liminar favorável a nós e, em 1983, os que tinham saído voltaram para continuarmos a viver juntos em Caramuru.

Lutamos todo esse tempo para retomar nossas terras, mas todas as fazendas em que a gente entrava os fazendeiros com seus pistoleiro, e com a omissão da FUNAI, faziam com que nós não conseguíssemos segurar. Só em 1997, depois da morte do índio Galdino, foi crescer a terra, fizemos ocupações e conseguimos segurar essas ocupações: fazendas São Sebastião, Bom Jesus e Paraíso. Em 1999, em 16 de novembro, fizemos ocupação de dez fazendas, onde foi uma pressão muito grande por parte dos fazendeiros e da polícia militar, que expulsou os índios de nove fazendas, ficando só a fazenda Milagrosa. O fazendeiro negociou com a FUNAI e foi beneficiado com uma indenização de 306 mil reais. A partir daí, os outros nove fazendeiros também se decidiram a negociar. Depois vieram as ocupações na região da Água Vermelha, a fazenda de Abel Milson e a fazenda de Alberto Pereira. Que também já foram pagas. É com nossa luta e resistência que nós vamos melhorando.

Nailton Muniz

O que nós queremos é paz

Nossa história é de muitos anos passados. Nós somos brasileiros legítimos e os que mais sofremos nas garras dos governos e dos latifundiários. Nós só fazemos uma retomada porque nós temos conhecimento de nosso território, e os fazendeiros também têm, só que eles negam. Eu tenho 64 anos, nasci aqui. Saí daqui com 12 anos, saí às carreiras para meu pai não morrer. Voltei para cá, em 1982, para a retomada de São Lucas, hoje Caramuru. Foi a primeira retomada, hoje é o coração da nossa aldeia. Foi a primeira retomada que nós fizemos, foram 1.079 hectares, que depois o governo pagou. O Governo nunca quer entregar nossas terras, que são 54.105 hectares medidos, reconhecidos e demarcados, mas nós estamos retomando! De 1926 a 36, foi estudado nosso território e por isso fomos corridos, ameaçados e mortos. Até hoje nosso povo continua a morrer pelos nossos direitos. Nós temos a consciência que a terra é nossa. O SPI (*Serviço de Proteção ao Índio*) arrendou as nossas terras, das quais o governo da Bahia acabou dando títulos aos fazendeiros. Isso começou com o governo de Roberto Santos e continuou com Antonio Carlos Magalhães. Aí nós fazemos nossas retomadas porque é um direito que assiste todas as comunidades. Estou aqui, retomando nossa terra que já custou a vida de muitos índios. Esperamos poder negociar em paz, porque o que nós queremos é paz, nós queremos que os fazendeiros recebam os caiambás (*dinheiro*) e que nos deixem livres. Nós queremos a paz, mas eles botando duro nós não vamos amolecer, nós vamos lutar até conseguir todo nosso território de volta. Desde 1982 temos nosso caso no STF (*Supremo Tribunal Federal*) e não foi julgado. Por isso fazemos nossas retomadas. Quando eu morrer haverá um outro parente lutando, porque nós temos a precisão de ter nosso território. Eu não estou aqui porque pintou na minha cabeça, é pela precisão de nosso povo, somos mais de 3 mil índios, muitos passando fome... Já tivemos mais de 16 lideranças perdidas na luta por recuperar nossa terra, mas nós não tememos.

Juracy (Cacique de 1992 a 1996)



Me criei aqui. Antigamente era tudo mata. Nós *vivia* era de peixe e caça do mato. E foi o meu pai mesmo que abriu duas tarefas na mata fechada aqui, fez uma cabana e nós *fiquemos* debaixo. Me casei em 1945, ganhei quatro filhos... Depois chegaram os fazendeiros com autorização do SPI e *tiraram* nós. A gente saiu corrido... Sou mãe de dez filhos, o resto nasceu tudo nas fazendas dos outros.

Quando tive que sair da minha segunda retomada (2003), a gente já tinha tudo construído: casa, horta da medicina...

Chegou a polícia de avião, mais de cem policiais e *tirou* nós. Quando a gente saiu de lá, o fazendeiro Jaime do Amor e seus pistoleiros queimaram tudo. Queimou as casas, destruiu tudo. Eu falei para um policial que nós somos pessoas boas, que nunca *matemos* ninguém, nunca *roubemos*, e que vamos cumprir a ordem. E que nós não *merecia* sair de frente da polícia. Atiraram em dois netos meus, e agora estão tirando nós de lá sem nós *merecer*! E ele ficou caladinho, não respondeu nada.

Hoje nós estamos aqui cumprindo a ordem, esperando a decisão para ver se a gente pode voltar. Agora muita gente até tem medo de fazer casa aqui. Minha família é grande e está tudo desalojado... Tem medo de vir para cá e depois voltar a perder tudo. Qualquer dia pode aparecer a polícia de novo e *tirar* nós daqui também.

Hoje a gente tem família em Minas, tem em São Paulo... Tudo querendo vir para cá, mas não pode porque a terra está quase toda na mão dos fazendeiros, mas nós não vamos esmorecer da luta.



Elisinha

**Nós nunca matemos,
nunca roubemos...**



Atualmente na nossa área existe um número muito grande de povos diferentes:

Baenã, Hã-hã-hãe, Kariri-Sapuyá, Tupinambá, Pataxó, Camacã... Diferentes povos, diferentes línguas, diferentes culturas, diferentes tradições, mas a gente sabe que todos os grupos lutam juntos para defender a terra. É por isso que a gente está hoje numa situação já bem avançada, mas não temos a maior parte da nossa terra. Aproximadamente são 39 mil hectares de terra que ainda faltam recuperar. É muito constrangedor ver o fazendeiro ganhar uma liminar de "reintegração" de posse, é a hora mais triste que pode acontecer na vida de um índio... Depois de recuperar uma terra voltar a perdê-la.

Nailton Pataxó

Todos diferentes, todos juntos.

SEM MATO ESTAMOS PARADOS



Aqui tinha muita mata, era um lugar muito bom. A gente vivia aquela vida de comer fruta, dormia em cama de varas ou no chão, comia Buzo (caracol), Preaxi (rã), Saruê, bichos do mato, comia a caça do mato com beiju. Comia aipim com peixe. A gente não comprava nada. Comia assado ou sapecado. Fazia nossa farinha no ralo, fazia o beiju em cima da pedra, fazia o fogo no "artifício" (chifre de touro com algodão) riscando uma pedra dentro. A panela era de barro, o prato era de barro. Nossa casa era toda de palha. Vestia tanga de embira ou usava o Kutango (tipo de calça curta com tiradores cruzados, tipo cueca, tudo tecido manualmente na fibra natural do algodão) e se juntava para cantar perto do fogo.

Em 1947, a gente saiu daqui corrido pelos fazendeiros. Eu fui viver fora, fui para o Paraná e fiquei por lá muito tempo, porque aqui foi tomado pelos fazendeiros, ficou muito pouco índio.

Nós passamos um bocado de anos no Paraná, nós sempre com nossa cultura. Nós nunca deixamos de ser índios. No Paraná, eu trabalhava de "meeiro" com o fazendeiro. Plantava milho, feijão e do que dava era meio para o dono da terra e meio para nós. Mas, lá mesmo, aquele fazendeiro nos aconselhava para voltar e recuperar nossa terra.

Então Saracura, o velho que hoje mora em Coroa Vermelha (Comunidade Pataxó – Porto Seguro – BA) foi um dos que foi trazendo os parentes para viver novamente nas suas terras, numa fazenda que ele ajudou a retomar, em 1982. Foi-se resgatando cada índio que tinha saído. Começamos a retomar nossas terras. Desejo agora que renasçam as matas, porque hoje, sem mato, estamos parados. Com mata não precisaríamos da FUNAI, antigamente tinha mata e nós não precisávamos dela.

Eu, Juvenal Rodriguez dos Santos (1930-2006) e Minervina Maria de Jesus tivemos 21 filhos, entre eles Galdino e Cravino.



VAMOS LUTAR POR UMA SAÚDE MELHOR

Venho aqui, através desta escrita, para pedir solidariedade na luta por uma saúde mais digna para todos os nossos povos indígenas.

Eu, Thyrry, índio da tribo Pataxó Hã-hã-hãe, estou vendo minha família sofrer pela morte de meu avô (Juvenal Rodriguez dos Santos) que injustamente morreu.

A FUNASA não presta atendimento quando realmente precisamos, a própria faz pouco e ganha muito, temos carros de FUNASA na rua passando p'ra lá e p'ra cá, em festa, com mulheres, sabendo nós que plantão é na aldeia e não na cidade.

Se a FUNASA tivesse trabalhado dentro da aldeia o meu avô não tinha morrido, temos como prova o atestado de óbito afirmando que o mesmo só faleceu por não ter assistência na hora, transporte imediato para socorrer o paciente.

Morrem anciões de nossa aldeia por causa da falta de responsabilidade da FUNASA.



Thyrry e William Trajano



O medo não me paralisa, porque eu me movo para aliviar o sofrimento da comunidade

João Cravino (1961 – 1988) foi cacique na época que Saracura saiu daqui, a comunidade o colocou e ele trabalhou quatro anos... Era uma pessoa muito querida pela comunidade. Lutava pela educação, pela saúde... Respeitava muito os idosos, não fazia nada sem primeiramente conversar com os idosos e pegar sempre a orientação com eles. Depois de quatro anos, os fazendeiros conseguiram tirar os índios daqui, levando-os para Camamu... Para quem ainda ficou, teve muito tiroteio. Mataram o sobrinho de Samado; o fazendeiro Alberto Pereira arcou com a alimentação e as armas e conseguiu comprar Saracura que vinha fazendo um bom trabalho, acabou fazendo igual a galinha: ciscou. Fez com as mãos e jogou com os pés. Então, João Cravino que tinha perdido dois primos, especialmente depois que balearam uma prima dele, ficou muito revoltado. Os fazendeiros estavam impedindo que os índios que estavam em Camamu

voltassem, mas os índios vieram de qualquer maneira... Cravino estava tentando impedir esse povo voltar de Camamu, para que não fosse chegar e morrer... E foi telefonar para a FUNAI para impedir deles virem, impedir a briga... Nosso irmão Galdino teve um pressentimento e foi atrás de Cravino... E a gente encontrou ele todo cortado, retalhado de facão, cortaram as mãos, a nuca... O desmunhecaram, desceu o pulso... O fazendeiro não foi julgado, ficou impune.

Eu também sou liderança, como meus irmãos que já foram, mas o medo não me paralisa, porque eu me movo para aliviar o sofrimento da comunidade. O que mais eu quero na vida é paz e respeito.

Yaranawy (Sí)



Galdino (1953-1997) foi queimado vivo por uns caras que hoje estão soltos. Um tem emprego no Ministério da Justiça... A gente gostaria de recorrer e buscar justiça, mas a gente nem tem advogado, a FUNAI não ajuda. Quando Galdino morreu queimado, lá em Brasília, a gente queria trazer ele para enterrar aqui na sua terra, mas a FUNAI não queria... Nós trouxemos e acabou que uns dias depois veio o presidente da FUNAI, Júlio Gaiger, para fazer uma solenidade para a gente e nós prendemos ele e botamos ele para dormir numa esteira igual a índio, botamos para comer mandioca igual índio e ele pediu para ser solto e nós dissemos: "Amanhã nós vai fazer uma retomada e o senhor vai vir junto e vai ver o que a FUNAI faz". Então a Polícia Federal veio para tirar ele, mas não conseguiu, e nós viemos para nossa terra que estava na posse do fazendeiro Marcão. Aí ele viu na pele uma retomada, até que depois nós falamos que ele podia ir... Aí ele decidiu ficar mais três dias... aí a polícia veio e perguntou se ele foi seqüestrado e ele disse que não que tinha vindo pela sua vontade, que ficou mesmo todo esse tempo porque quis... Os policiais insistiram perguntando se ficou contra sua vontade... Ele explicou que ficou porque os índios necessitavam... Aí depois dessa reportagem ele ficou mais sete dias com a gente... Então a FUNAI o demitiu do cargo.



Yaranawy (Sí) e Maya (Dona Maria Muniz) viajaram por 55 dias pela França, dialogando nas Universidades, Centros de Pesquisa, Associações e com os poderes públicos, chegando até à Suíça (OIT e ONU), denunciando as injustiças que o Povo Pataxó-Hã-hã-hã sofre.

A violência imposta ao povo Pataxó-Hã-hã-hã é o quadro mais real da situação atual vivenciada pelos povos indígenas no Brasil. A morosidade da Justiça e a impunidade recebem uma cronologia de terror que, nos últimos anos, tomou proporção alarmantes, custando a vida de 16 lideranças indígenas e deixando seqüelas irreparáveis na vida dos Pataxó-Hã-hã-hã. Em 1983, o índio Antônio Julio da Silva foi atingido com um tiro na cabeça por pistoleiro mandado pelo fazendeiro Marcos Wanderley. O índio ficou paraplégico para sempre.

Em julho de 1986, uma emboscada deixa gravemente feridos os indígenas Antônio Xavier (10 tiros), Anivaldo Calixto (1 tiro no peito), Enedito Vitor (2 tiros) e Leonel Muniz (1 tiro).

Em novembro de 1986, a aldeia São Lucas é invadida por pistoleiros e soldados da polícia militar fortemente armados.. São assassinados os indígenas Jacinto Rodrigues e José Pereira.

Uma criança recém-nascida também morre no conflito quando sua mãe fugia pela mata para se esconder dos tiros.

No dia 29 de março 1998, é encontrado morto o indígena Djalma Souza Lima, depois de ter sido seqüestrado na Aldeia. Seu corpo apresentava vários sinais de tortura: unhas, dentes e couro cabeludo arrancados, castrado e com queimaduras em várias partes. No final de 1998, no dia 16 de dezembro, é brutalmente assassinado o cacique João Cravim Pataxó, de 29 anos de idade, casado e pai de três filhos, numa emboscada na estrada de acesso à cidade de Pau-Brasil (BA). Nove anos depois, no dia 20 de abril de 1997, o irmão de João Cravim, Galdino Jesus dos Santos, é queimado vivo, em Brasília, por cinco jovens de classe média-alta enquanto dormia sob a marquise de um ponto de ônibus. Galdino estava com um grupo de lideranças, cobrando da Justiça providência para regularização das suas terras. O crime que chocou o País até hoje clama por justiça. Antes de entrar em coma Galdino perguntou repetidas vezes: "Por que fizeram isso comigo?"

No entanto, a luta dos Pataxó-Hã-hã-hã pela recuperação das suas terras e proteção do que restou de suas riquezas naturais ainda continua num movimento que só deverá cessar quando lhes forem devolvida as terras da área Caramuru-Catarina Paraguaçu e, com elas, a sua dignidade enquanto seres humanos.

Com todo esse maltrato que nosso povo vem passando não agüentamos mais de tanto sofrer, pois a cada dia que passa estamos perdendo o nosso direito, por que a Justiça está concedendo para os fazendeiros pelo que nós observamos. Há anos atrás a Justiça dava valor aos índios, hoje

é o oposto, está dando o direito aos fazendeiros que não são donos destas terras. São uns indivíduos que já tiraram muitas vidas dos índios inocentes, que hoje têm todo o apoio da Justiça. Aqui ficamos refletindo: que País é este? Que se diz ser justo e contra a corrupção, mas pelo que nós estamos vendo está praticando o mesmo. Não entendemos esta Justiça que só dá valor a quem têm muito dinheiro, e aqueles que não tem são oprimidos, flagelados, maltratados. Em relação ao meu povo não é justo o que a Justiça está fazendo. Será que eles não compreendem que muito dos nossos morreram na luta por esta terra onde muitos grileiros tiraram as suas vidas, enquanto a Justiça não tomou nenhuma providência; com estes fatos que vêm acontecendo com a gente isto nos deixa bastante revoltados. A cada dia que passa o meu povo está se acabando, muitos estão passando dificuldade por falta de assistência da saúde. A Fumai não está se importando com a nossa questão da terra. É impossível que a Justiça ache que nosso sofrimento é uma brincadeira. A Funai que diz que é um órgão tutor do índio, mas não está dando assistência ao índio em termos da luta pela terra. Os Direitos Humanos diz também ajudar a causa do índio, mas nunca gritou por justiça pelas mortes das 16 lideranças. Ibama diz que preserva o meio ambiente, mas infelizmente não se importou com o desmatamento florestal que o fazendeiro Jaime do Amor fez na terra do índio.

Nós pedimos: chega de tanta demora. Estamos bastante cansados de sofrer, nossos anciões clamam para que a Justiça julgue a questão sobre a nossa terra para podermos descansar em paz. Chega de tantas mortes na nossa aldeia, não queremos mais que derrame o sangue do nosso povo pelos ataques dos grileiros, chega de perder tantos parentes, nós índios precisamos viver como todas as pessoas deste mundo, o que queremos é liberdade para podermos ter autonomia na nossa aldeia, organizando a nossa casa que está uma bagunça. Eu, Yonana, não agüento mais ver tantas tristezas na minha aldeia. Peço que a Justiça julgue a questão da nossa terra, que está há 24 anos em tramitação no Supremo Tribunal Federal. A ação ordinária encontra-se aguardando um parecer final dos ministros do Tribunal, em Brasília. Somente uma decisão favorável aos índios da parte do Supremo Tribunal Federal poderá colocar fim a esse conflito, restabelecendo os direitos e a dignidade desta nação.

Yonana Pataxó

yonana@indiosonline.org.br

Até quando?

Ameaçavam que iam fazer churrasco de índio

1997. Depois de 60 dias que nós *retomemos* a fazenda Paraíso, a polícia tinha ido nos tirar porque a Justiça tinha sido favorável em tirar o índio de sua terra e devolver a terra para o fazendeiro... Então a comunidade toda se juntou para escolher uma comitiva para ir a Brasília. 19 de abril, Dia Nacional do Índio. Dona Maria, Samado, Guducha, Gerson, Galdino e seu pai Juvenal, e eu chegamos a Brasília para buscar os direitos de nossa comunidade Pataxó-Hã-hã-hãe. Galdino foi dar uma volta de noite, mas não voltou...

No hospital, a enfermeira nos contou o que Galdino explicou: Fui ao hotel, mas a porta estava fechada... Então deitei na parada do ônibus para esperar o dia clarear... Um carro parou. Senti que jogavam um *trem* frio no meu corpo, quando levantei com o susto da frieza, os jovens riscaram um fósforo para eu pegar fogo... Varias pessoas tentaram me apagar... As pessoas tomaram a placa do carro e me trouxeram para cá... Mas nós viemos a Brasília para defender nossos direitos...

A FUNAI dizendo que seria melhor para a gente, nos mudou de hotel, nos hospedou no subsolo, pediu para o porteiro não nos deixar sair e para ninguém entrar, até cortaram a linha telefônica. Nos drogaram com tranquilizantes, só foi de noite que achamos um rádio e pegamos a notícia que Galdino tinha morrido.

Eu acho que esses meninos deveriam ter pegado cadeia de verdade, porque eles tiraram a vida de um pai de família inocente; eu acho que não se brinca com a vida de nenhum ser humano. Eles não tiveram punição. Eles tiveram só uns poucos anos de cadeia '*moderna*', estando quase soltos e cheios de mordomias, eu acho que eles não pagaram o suficiente para garantir que eles tomaram consciência de que não podem repetir o que fizeram. Queimar Galdino foi uma farra, uma diversão. Toda essa história dói em nossa comunidade, dói muito também saber que a FUNAI tentou tapear para abafar o caso. Quando nós voltamos para nossa aldeia continuamos a fazer nossas retomadas e os fazendeiros ameaçavam queimar todos nós, diziam que iam fazer churrasco de índio.

Dona Maura





Era mata pura

Eu era pequena mais ainda me lembro. Isso aqui, naquele tempo, só era mata pura, tinha muita caça e *passarim* de todo tipo. Nesse córrego do Mundo Novo tinha muito peixe, vou até dizer as espécie: Acari, Gajé, Bobô, Beré.... meu pai Zé Caboco, minha tia Verônica, meu *ti* Nô, que é o pai de Romildo, veio lá da *ardeia* do Catulezinho, que diz água. No Catulé Grande, em Itatinga, Itapetinga. Nós somos do tronco Camacã.

Lourdes Maria dos Anjos

Nós queremos trabalhar

Antigamente aqui não tinha médico, não tinha nada de assistência na saúde. Quando adoecia um, *nós se tratava* com a erva da nossa mata.

Nós *faz* xarope, nós *faz garrafada*, nós *faz* banho para bronquite, para gripe, para febre, para dor, massagem, pomada, comprimido para verme, sempre nós *faz*. Remédio para coceira... tudo nós *faz*. Nós estamos querendo fazer essa horta, mas estamos sem conforto. Não tem conforto nenhum para comprar o arame, nem a tela...



Elisinha

Por que temos que viver assim?

Nós todo tinha roça, mas quase tudo aqui era mato, mata virgem. Aqui tinha onça, tinha todos os bichos do mato, tinha frutas, flores, muita caça, muito peixe... A água era tudo boa...

O índio Samado morava numa capoeirona, mas aos poucos os fazendeiros começaram a roçar, a avançar, a chegar perto... Desmataram até que pegaram quase tudo em volta dele e depois botaram ele para correr.

Os brancos foram enrolando os índios e tomando quase todas as terras. O próprio SPI se ocupava de tomar as terras dos índios e passar para os arrendatários e se o índio não entregasse morria, porque eles mandavam os pistoleiros.

Aí um dia a polícia prendeu Samado, o amarraram e derrubaram a casa, depois levaram ele para Brasília. Depois, queriam botar ele como assassino na prisão da Ilha do Krenak... Quando botaram os índios para fora, nós ficamos escondidos no mato, dormindo, vivendo no mato mesmo, ia fazendo casa de palha, mas, não acendia fogo para não ser descoberto. Eu tinha uns 14 anos, lembro que a gente só podia conversar baixinho... A gente se perguntava: Por que temos que viver assim, se não fizemos nada a ninguém? Assim os velhos explicavam: é o jeito de defender nossas terras.



Fábio Titiá

Dona Marta

O TRABALHO NA ROÇA... Isso aqui é feito tudo no braço, com enxada assim. A molhação também é no braço, tudo. Não tem irrigação, não tem nada para ajudar a gente. Então a gente faz desse tipo assim, não tem outro recurso. Tem esse adubo aí que também a gente faz. A gente faz com palhada de feijão, e muita coisa, cinza, raspa de mandioca se achar... Demora 60 dias para ficar bom, depois a gente joga ele na planta.



Unidos venceremos



Aqui a gente trabalha em conjunto, meus irmãos, meus cunhados, meu pai... Somos umas oito pessoas. A gente faz um dia na roça de cada um... Se for para capinar a gente capina, se for para roçar... Se para plantar a gente planta... Tudo em conjunto. Assim a coisa vai p'ra frente. Aqui não é individual, aqui é na parceria... Sozinho ficaria dificultoso; juntos você faz uma roça maior. Aqui somos todos muito unidos. Trabalhamos juntos, na alegria... Um conta uma história, outro canta, outro faz umas brincadeiras.

Açaí

Desde sempre que eu me entendo como índio.

Desde sempre que eu me entendo como índio.

Aqui tem Jequitibá, Cedro, Pau Brasil, Pino, Barriguda, Foiero, tudo madeira de lei que serve para fazer tábua para fazer casa, móveis, violão e violino. Baraúna, Papicuzu, Putumuxo (Lei nova). Aqui a árvore maior que tem é um Jequitibá de 30 a 40 metros de altura, de uns 5 a 6 metros de diâmetro.

Aqui não tem como colher muito milho, passarinho o arranca quando estamos plantando e come a espiga quando está madura; por isso a gente mexe com feijão.

Nós *capina* de enxada, *planta* de máquina, é tudo no braço, tudo manual. Nós *bate* o feijão lá na mata mesmo e já traz ele batido. Bate até três vezes por ano.

Este ano, no braço, nós colhemos 35 sacos com 60 quilos de feijão cada um. Aí nós *guarda* bastante para comer e plantar. O resto vende. Aqui nosso adubo é orgânico. Nós não *mexe* com adubo químico. Nós não *queima* nada. Nós somos contra a queimada. Quando roça, nós *joga* esse mesmo mato como adubo. O mato vai apodrecendo e vai virando adubo. Eu já fui criado na roça. Eu sou homem do campo. Meu pai já me ensinou isso desde pequeno, e já meus filhos também sabem.

Seu Walter





caçote

Não esconder mais nossa cultura

Não esconder mais nossa cultura

Minha mãe era índia e meu pai não, mas ele veio viver com ela aqui, dentro do mato. Minha mãe vivia bem, agora meu pai passava fome. Até que mãe mostrou as comidas dos índios: buzo assado, barbado (um tipo de macaco) frito, caçote cozido (rã de pequeno porte, perereca)

Tainakó – Niraldo



Buzo

LULA LÁ E NÓS ÍNDIOS AQUI

Lula nessa eleição
consideramos você o campeão
eu vou na frente levo os meus companheiros
vamos dar o nosso voto certoio.
Vamos minha gente, para nós Lula surgiu,
Lula já é o Presidente do Brasil.

Companheiro LULA, na primeira vez que nos encontramos, foi em Belo Horizonte, foi um encontro com vários índios, eu fui aquele que declamou esse verso no palanque para você. Hoje, nesta sexta-feira, 27 de janeiro de 2006, já faço junto ao meu povo 94 dias em retomada. Estou na fazenda agropecuária João Alves de Lima, que estava em posse de seus pretendidos herdeiros "Peixinho" e sua irmã "Conceição". Nós índios estamos muito preocupados por saber que para reivindicar os nossos direitos, e ter esses direitos assegurados precisamos correr risco de vida.

Em visita à Assembléia Legislativa de Brasília para a criação da COIAB, recebemos sua visita LULA, na Escola Santa Maria onde estávamos. Na época você estava em Campanha para a Presidência. Nessa ocasião você nos entregou um documento com várias páginas, teu compromisso para com nós índios. Este documento expressava o teu compromisso em relação à causa indígena, em relação à demarcação e à homologação das Áreas Indígenas no Brasil. Hoje já estamos caminhando para o quarto ano de seu governo e até agora não recebemos resposta deste documento que foi elaborado por você mesmo. Hoje os índios vivem sofrendo, porque os governantes e a Justiça não entregam nossas terras, fazendo assim o índio arriscar

sua vida, derramar seu sangue. Por isso nós estamos aqui confinados em uma área de 1.070 hectares, com duas liminares a favor do fazendeiro: uma Reintegração de Posse e outra liminar que seria o cumprimento dessa reintegração. Estamos muito preocupados e gostaríamos de te comunicar através desta carta, para pedir que você que já é sensível à nossa causa, dê uma resposta aos fazendeiros, aos políticos corruptos, que assim como você está apurando outros tipos de corrupção também investigue os invasores de terra e entenda que isso é uma situação que precisa ser resolvida no Brasil.

Em relação às indenizações o tratamento deve ser diferenciado. Aqueles ocupantes de boa fé que estão colocando o imóvel à disposição da avaliação devem ter um tratamento, e aqueles outros que são ocupantes de má fé que seja dado entrada numa ação, pois eles se negam a negociar e assim resolver o problema pacificamente. É isso que dificulta a nossa causa. Nós temos certeza que essa Terra é nossa, e por isso estamos pedindo providências a você.

Temos um Presidente da FUNAI que ignora os direitos dos indígenas ao falar que os índios brasileiros têm muita terra. Eu gostaria de lembrar que as demarcações têm que ser contínuas, e quem conhece essas terras são os índios e deve ser indicada por cada comunidade que conhece os limites de seus territórios. Acredito que você tenha conhecimento do sofrimento que nós índios estamos passando, por falta de assistência, por ter pessoas incompetentes na FUNAI, por ter um presidente que por seus desejos políticos persegue os índios, por isso eu queria que você colocasse na Presidência da FUNAI alguém que respeitasse os direitos dos índios, bem como os costumes de cada comunidade e os perímetros tradicionais de cada área.

Nós estamos aqui nesta área hoje graças a Tupã e a nossa comunidade, pois se dependesse do apoio da FUNAI não teria nenhum PATAXÓ-HÃ-HÃ-HÃE aqui hoje. Estamos aqui desassistidos, tanto por sua parte, como da FUNAI, bem como de todas as autoridades com competência. Eu gostaria de saber como é que a gente vai ficar nessa situação? Eu gostaria também que você tomasse uma providência em relação a esse processo de Nulidade de Títulos que se arrasta na Justiça no Supremo Tribunal Federal há mais de 23 anos. Quero deixar claro que nossas terras não estão na Justiça, o que está na Justiça são os títulos falsos, que foram concedidos pelo Governo da Bahia, se apropriando de um patrimônio Federal. Isto vem causando muito problema, e vem dificultando cada vez mais a nossa luta, e deve ser resolvido para que mais tarde nossos

filhos e nossos netos não continuem derramando o seu sangue para reconquistar nossa terra. Queremos juntos resolver esse problema de uma vez por todas, pois não suportamos mais a falta de respeito aos direitos assegurados aos índios.

Quando estávamos brigando por nossos direitos na Constituinte, tivemos o seu apoio. Passamos mais de 90 dias em Brasília e conseguimos um grande avanço, que resultou no Capítulo VIII da Constituição de 1988, e seus artigos 231 e 232. O art. 231 fala que são reconhecidos ao índio a sua organização social, seus costumes, línguas, crença e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, que compete à União demarcá-las e protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens, porém apesar de estar escrito na Constituição o que está sendo feito na prática não tem nada a ver com o que está escrito. Ficamos sem saber se mudou o que está escrito ou se deixou de valer. O parágrafo quinto do art. 231 diz que não pode remover comunidade nenhuma de uma localidade para outra, a não ser em caso de epidemia ou catástrofe que ponha em risco a vida dessa comunidade, já o seu parágrafo sexto deixa bem claro que não produz efeito liminares e decisões judiciais tomadas em território indígena. Porque cada vez que retomamos nossa área ocorre reintegração aos fazendeiros? Isso não aceitamos.

Pedimos a você LULA, que olhe para isso e se lembre da proposta que fez aos povos indígenas e que resolva esses problemas. Aqueles processos que estão engavetados no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, que sejam apreciados e que se dê a decisão final, pois os processos vão ao tribunal para serem resolvidos. Em conversa certa vez com um dos relatores do Processo de Nulidade de Títulos, foi dito que a Justiça é morosa e por isso deveriam dar mais condições para a sobrevivência dos índios, no momento foi respondido que a Justiça não é morosa, o que há é falta de interesse. O que se pode concluir é que se até hoje não foi decidido é por falta de interesse, então pedimos que seja resolvida o mais rápido possível nossa situação, pois estamos sofrendo as consequências do fato dos fazendeiros terem muitos privilégios com os governantes e a justiça brasileira. Não foi assim que pensamos que seria o seu governo LULA! Gostaríamos que você cumprisse com a promessa que nos fez de que este seria um dos primeiros problemas que você resolveria, até porque você também queria resolver o problema da Reforma Agrária, e para isso precisaria primeiro resolver a situação dos Povos Indígenas no Brasil. Não estamos mais suportando a falta de respeito aos nossos direitos.

Nailton Pataxó – Cacique

Antigamente o índio era caçador, hoje está sendo caçado.

Quando todo mundo dorme os pistoleiros pagos pelos fazendeiros começam com essas idéias de matar pessoas, idéias sanguinárias...

Aqui tem vários fazendeiros: Velames, Durval Santana, Waldir, Luis Alves, Joel Brito, Gilberto, Jaime do Amor... Eles se agrupam e pagam aos capangas, eles têm uma organização de mandar matar os índios. Essa organização de fazendeiros está ligada ao governo de Antonio Carlos Magalhães, são pessoas ligadas ao Congresso, ligadas à Justiça, são pessoas grandes, ligadas com a Polícia Federal.

Nós não temos armas de fogo. A gente é contra armas de fogo, a gente é da justiça, a gente aprova a campanha de Lula do desarmamento, mas eles têm infravermelho... A gente vê às vezes a brasnha na gente (a luz da arma com infravermelho sobre os índios).

Tem que desarmar esses homens do mau... homens de bem, como nós, não têm armas de fogo.

Antigamente o índio era caçador, hoje está sendo caça. Hoje está sendo caçado como se fosse um animal.

Nos momentos difíceis nós *pede* força a Tupã, na nossa religião, com nosso Toré, que é nosso canto, nossa dança, nossas orações.

Nossa história Michele Pataxó

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=898&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more898>

Receio de caçar...Puhuy Pataxó

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=831&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more831>



Carta Aberta ao Governador da Bahia Jacques Wagner



Me chamo Luiz Titiá, sou índio da aldeia Pataxó Hã-hã-hãe. Sou coordenador representante do Sul e Extremo Sul da Bahia na APOINME (Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo). Fui um dos fundadores do PT aqui no Município de Pau Brasil. Estou muito feliz porque pela primeira vez na minha vida terei a possibilidade de viver um governo popular. A sua vitória é a nossa. Ela é fruto gerado das nossas lutas de base.

Nasci e me criei sofrendo os descasos das direitas. ACM foi durante quase toda minha vida um pesadelo. Que ele não gosta de índios ficou visível para o mundo quando nos jogou as bombas no ano 2000. Agora nossa nação indígena terá uma chance de ser reconhecida, de nós índios sermos tratados como gente. O próprio ACM tirou as nossas terras e deu para os seus amigos empresários e cabos eleitorais. Durante estes anos de luta toda; que meus irmãos estão morrendo pela bala, pela fome, pelas falta de justiça, pela falta de assistência desse governo de direita que espero nunca mais volte. Eu e meu povo depositamos a confiança de que o senhor nos facilitará tudo aquilo que secularmente nos estava sendo explorado até ontem.

Durante essas décadas nós viemos lutando para ter nosso território, que é uma herança de nossos antepassados e assim viemos lutando para auto-sustentação do nosso povo.

Mesmo assim sabendo que somos refém do Estado brasileiro há 507 anos, por nós enfrentarmos discriminação, os desrespeitos, as violências que nos geram morte é para dar um basta em toda essa situação que precisamos da compreensão e do compromisso dos governantes que hoje, graças a TUPÃ, está lutando e trabalhando para organizar esse estado BRASILEIRO. Estamos preocupados com qualquer decisão ao contrário do Estado gera grandes problemas para nossa comunidade.

Nós Pataxó Hã-hã-hãe acreditamos e confiamos na sua pessoa que hoje está contribuindo como Estado. Um Estado que o senhor tem conhecimento que herda ser algoz de nosso território, por ter participado dando títulos falsos e enriquecendo cada vez mais os mesmos latifundiários para continuar invadindo e explorando a nossa comunidade indígena e os nossos territórios.

Sabemos que não foi o senhor que fez isso, sabemos que isso começou com o governador Roberto Santos e que principalmente foi ACM que, como Cabral, nos aniquilou. Durante muitos anos, com muita luta dentro do partido, conseguimos eleger vocês e agora esperamos nunca mais ter o Governo contra nós. Nós não queremos mais o governo como nosso algoz. Vocês não são culpados disso, mas, por isso mesmo, cabe agora vocês tomarem as devidas providências.

Peço que para o senhor tomar qualquer decisão a respeito de nós, sejamos convidados e respeitados, em número e forma. Somos 3.200 indígenas, de seis etnias diferentes morando juntos na mesma aldeia, temos a nossa organização social e nossas decisões são tomadas em conjunto com o conselho composto pelas nossas lideranças e nossos anciões.

Somos uma nação resistente...Fábio Titiá

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=324&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more324>

CARTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA do Cacique Evangelista Bispo dos Santos...

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=892&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more892>

O índio não sai de sua terra nem depois de morto! Pelo Cacique Nailton

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1621&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1621>



Esse índio é Basílio Francisco Muniz, meu avô que veio de Olivença. Aqui os índios andavam de seu jeito natural, mas a discriminação era tão grande que até para se fazer uma foto, um quadro para nossa recordação, eles induziam o índio a colocar paletó.

Esse aqui é o retrato de um índio filho de índio, mas feito pelo branco.

Nailton

Nós não rouba, nós não mata, nós não procura confusão... Nós respeita!

Nossos pais nos ensinaram a respeitar cada um, respeitar aquilo que não é da gente, por isso nós não *bota* a mão no que não é nosso.

Maria

Não tem um dia que passe que nós não *lembre* da mãe da gente. Para nós, ela não morreu, ela vem nos nossos sonhos para nos orientar, espiritualmente ela está viva aqui com a gente, e nós *tem* certeza que seguindo as orientações dela nós *vai* alcançar nosso objetivo, a RECONQUISTA DE NOSSO TERRITÓRIO, que será o fim de tanto sofrimento que nós *índio vem* passando.

O não-índio desrespeita a sociedade, *nós* não adoramos coisas dos outros. O homem branco ocupa nossas terras, desrespeita nossa nação, nossa cultura, nosso jeito de viver e, por isso, vivemos hoje sem harmonia e sem paz. Nós não nos sentiríamos bem em ter as coisas dos outros como nossas. Nós ficamos

preocupados porque os legislativos, os constituintes, os que escrevem as leis, eles mesmo não respeitam as leis não dando a nós os direitos que temos assegurados na Constituição. Eu trato o branco com respeito para não dar o mau exemplo às minhas crianças, mesmo desrespeitado por ele eu procuro sempre respeitá-lo. Eu respeito a lei que eles escreveram, agora eu gostaria que eles respeitassem a nossa lei, que nós não *escreve*, mas nós *aplica* na prática com nosso comportamento de que estamos aqui não para dar mal exemplo para nossas crianças. O mau olhar, o desrespeito que alguns fazendeiros têm com as comunidades indígenas é porque ainda estão de posse de nossas terras, a partir do momento em que o governo julgar esse processo e anunciar para a sociedade que está disposto a indenizar as benfeitorias dos fazendeiros, a partir de que cada um receba, acaba a raiva que eles têm por nós. O contrato de arrendamento do SPI deixa claro e proíbe os fazendeiros plantar bem de raiz, construir casa de alicerce, fazer cerca de arame. Mesmo eles havendo desrespeitado esses contratos; só para não ser conflitante a gente aceita que eles sejam indenizados, para que depois não tenham mais nada a reclamar, e então o índio será olhado com outros olhos pela sociedade brasileira.

Nailton



Yonana - Guerreira On Line



A INDÍA DONA ELZA

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=678&more=1&c=1&tb=1&pb=1>

A JUSTIÇA NUNCA FAVORECE AO ÍNDIO

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=577&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more577>

FUNAI NEGA O APOIO AO ÍNDIO

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1060&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1060>

Nossa terra é a nossa vida

Nós índios desde que nascemos já temos uma grande ligação com a natureza. Quando crianças, nossas brincadeiras são montar cavalos, ir à floresta pegar frutas, subir nas árvores, nadar em nossos rios...Nossas vidas dependem da observação e da nossa harmonia com os ciclos da natureza, é assim que sabemos o tempo de plantar, de colher, sabemos também quando esperar pelos frutos das árvores, quando podemos matar a caça para respeitar seu período de reprodução. De nossa ligação com a natureza, quando estamos com uma determinada doença, aprendemos que erva usar para nos curar. Minha avó Lucília defendia a natureza ensinando as crianças a não matar os animais se não fosse para saciar a fome, ensinava aos meninos que não se deve prender pássaros em gaiolas. Ela nos pedia para jogar comida aos pássaros todos os dias pela manhã ao acordar e também para amarrar cachos de banana nas árvores, pois ela gostava de observá-los se alimentando. Mas, é com muita tristeza que nós índios Pataxó Hã-hã-hã estamos vendo já há muito tempo nossas terras sendo destruídas pelos invasores brancos. Estamos encontrando é a natureza já muito destruída, pois os fazendeiros transformaram nossas belas matas em pastos para dar comida aos seus animais domesticados. Para fazer grandes plantações, derrubaram árvores e envenenaram a terra com pesticida, afugentaram os animais, perturbaram a morada dos espíritos. Para nós indígenas, isso equivale ao que seria violar as igrejas dos brancos, destruir suas indústrias e cidades. Assim, hoje, o que nós indígenas estamos encontrando em nossas terras são pastos, capoeiras, e roças de cacau, e ainda para piorar a nossa situação esses plantios encontram-se degradados. Nós não estamos acostumados a lidar com essa situação. O modo tradicional de o índio sobreviver depende da natureza estar íntegra, em todo o seu esplendor. Nós índios precisamos que os invasores saiam imediatamente de nossas terras, e precisamos de pessoas que nos orientem a lidar com essa situação, como corrigir o mal que fizeram a nossas terras. Os "civilizados", depois que destruíram grande parte do planeta, aprenderam que a natureza tem que ser respeitada para que a vida na terra continue. Por isso desenvolveram estudos para se chegar ao que eles chamam desenvolvimento sustentável, com isso apenas estão copiando a lógica indígena de uso da Terra. Mas nós

índigenas nunca antes precisamos reconstituir o equilíbrio da natureza, pois nosso método de uso da terra não a destrói.

Já o "civilizado" teve que aprender a reparar os seus erros e agora nada mais justo que reparta conosco esse conhecimento, e até mesmo ajude a financiar a restauração das matas de nossa terra. Precisamos que financiem projetos que visem o uso correto dos recursos naturais de nossas terras, afinal foram os próprios civilizados que as deixaram no estado que estamos encontrando.

Não queremos continuar repetindo o erro dos civilizados, o tipo de exploração econômica que os fazendeiros implantaram em nossas terras está falido, não gera mais recursos suficientes, pois super-exploraram os recursos naturais. Por fim, quero dizer que nossas gerações futuras não podem ser privadas do direito de herdar nossas terras em condições de perpetuar nossa cultura, pois, como já disse, nossa cultura depende de nossa ligação com a mãe Terra.

Olinda Muniz olinda@indiosonline.org.br

NOSSA VISÃO DA MATA

Para nós, as florestas nos proporcionam muito mais que uma sombra. Elas nos acolhem, pois somos parte delas. As árvores podem nos alimentar e nos proporcionar uma orquestra musical, pois é delas que tiramos frutos e é onde habitam os pássaros que parecem nos encantar com músicas para nossos ouvidos. É entre as árvores onde habitam os espíritos de nossos antepassados.

LEIA MAIS:

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1208&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1208>



Enquanto o índio está tentando preservar, os fazendeiros estão desmatando tudo. Aí nós avisa ao IBAMA e a FUNAI. Às vezes o IBAMA diz que fulano vai pagar aquela multa, mas a gente não vê esse dinheiro, eles não têm projeto de reflorestamento aqui. Aqui o único projeto é dos poderosos, que mandam cortar a mata; enquanto o índio faz tudo para reflorestar. Eu já levantei meia-noite para apagar fogo, os fazendeiros tocam fogo... Então, é uma tristeza... Não tem mais caça, o pouco que temos nós *preserva*. O desmatamento faz com que se sequem os rios e não tenha mais peixe... Nem tem água para labutar, aí nós *fica* fazendo poços, temos que até pagar caminhões para trazer água para nós. Nós *tem* que sair na rua para comprar o *manguche* (comida). Então nós *faz* uma rocinha, abóbora, tomate, pimentão, feijão... Nós *leva* as coisas para vender lá fora, mas na cidade de Pau Brasil, eles querem barato demais e a gente não tem carro para levar as coisas mais para longe. Eles querem que a gente se veja apertado, quer que a gente se humilhe. Muitos fazendeiros se negam a comprar uma coisa da mão da gente. Muitos deles não nos olham como pessoas, olham para

nós como bichos. Aqui nós *sofre* muito preconceito. Quando eu vendia verdura, saía de madrugada com o troço na cabeça, saía às quatro da manhã e não conseguia vender nada... Era preconceito, humilhação. Voltava caminhando. Quando a gente chega na rua pintado e eles fecham as portas eles ficam chamando a gente com nomes ruins: capeta, ladrão, bandido... Já nas capitais, no Rio de Janeiro, as pessoas respeitam mais nossa cultura e buscam nos ajudar. Aqui eles têm nojo. Tem gente que até não bebe água no mesmo copo que a gente. Mas Tupã ajuda para nós *ter* nossa mata e nossa caça. Deus ajuda a nós *recuperar* nossas terras e nós *vai* viver tranquilo com a natureza, sem precisar mais ter que sair para comprar na cidade. Lucidalva Pataxó (Iaratá)

Aqui planto uma coisinha. Mas, para nós fazer uma roça depende da chuva, nós índios não temos irrigação. Quando a coisa aperta, vai dar uma pescada, uma caçada. Estão acabando com nossa floresta e isso dificulta mais a gente. Antonio Mendes Pataxó.



Os índios preservam, os fazendeiros desmatam



Na minha visão, **a educação indígena** dentro de nossa comunidade é um fortalecimento de nosso povo. Agente vivia só ensinando as coisas do não-índio, mas nós sentimos a necessidade de ter a nossa educação. A gente quer que as nossas crianças aprendam a nossa história, que é triste, que é de luta e de sofrimento, mas é preciso que elas saibam. Retomar nossa educação é preparar o povo de nossa comunidade para que nossa cultura fique cada vez mais forte e, com isso, nosso povo cada vez mais feliz.

Gostaria que todas as comunidades pensassem o melhor para o seu povo e procurassem mostrar que nós unidos jamais seremos vencidos, pois só nós indígenas sabemos o que queremos de melhor para o nosso povo.

Pois nós temos que pensar que um diretor de uma escola indígena representa uma função muito importante.

Significa ser alguém que cuida da escola tanto interna como externamente. Alguém que responde em nome da escola, que assina os documentos, que busca recursos junto às secretarias municipal ou estadual. Ser diretor de uma escola indígena é uma experiência nova de grande importância para nossa nação, pois os não-índios acham que nós não temos capacidade de administrar as nossas escolas, mas sabemos que na nossa aldeia temos indígenas formados que poderão administrar as nossas escolas, defendendo o nosso direito, bem como dos nossos

alunos e educadores, semelhante aos não-índio quando lutam pelos seus direitos. Nós indígenas temos que pensar em nossa autonomia não deixando alguém tomar o nosso espaço por que nós também somos capazes de administrar a nossa casa, pois nós sabemos o que queremos, e por que a nossa escola está sendo administrada por não-índios? Que não respeita o direito do próprio índio, que está causando muitos problemas em nossa comunidade, excluindo alguns professores indígenas, por isto a nossa escola está deixando a desejar para a nossa comunidade. Será que nós vamos sempre ser considerados como incapazes? Que não sabemos o que queremos de melhor para a nossa comunidade?



Maya
(Dona Maria Muniz)



CULTIVE A VERDADE, por Maya.

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1639&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1639>



Perdi um filho aqui

Ele tá enterrado aqui mesmo, neste cemitério, lá ao lado da árvore. O escorpião picou, e foi por falta de cuidado do pessoal que deveria dar assistência aqui, da FUNASA, que ele morreu. A FUNASA não tem respeito nenhum com a gente aqui. Tá vendo ali aquela caixa d'água?

Está sem tampa. Pode cair um morcego dentro e matar tudo mundo aqui. A responsável é a FUNASA. Tem aqui morto um filho e uma sobrinha minha, por escorpião. Não tem assistência nenhuma aqui. A FUNAI hoje o que é que faz pela gente? Um pouquinho de coisa. Mas não é tanta coisa que ela faz não! E eu queria deixar bem claro aqui, para que saia no Brasil inteiro: A FUNASA tá com a falta de respeito muito grande. Ela quer que os índios *morra*. Isso é que *tou* falando. Cláudio Novieira Santana, eles me conhecem. E se chegar para mim eu falo. A caixa destampada ali pode provar. Cai um morcego dentro, morre um rebanho de índio que bebe água dali. Tudo mundo aqui bebe a água daquela caixa. A FUNASA qual é a resposta dela? Vai trazer *mil caixão* para enterrar essa gente que morreu com falta de respeito dela? Agora isso vai para a costa de quem? O índio que morreu não sai mais. E eles da FUNASA estão vivos, ganhando dinheiro da saúde da gente.



A FUNASA tá muito fraca, ela deve dar mais uma força *pro* índio. A gente vai fazer os exames, entrega os *papel*, não vem. Não chama a gente para fazer o exame. Só no papel. Se vai a receita, não vem o remédio. Se não fosse pelos remédios que a gente faz, os remédios que a gente sabe fazer para muitas coisas, o índio estava mais perdido ainda.
Diolina Pereira dos Santos

Só no papel,

<links>

Crianças morrem por falta de assistência. Por Michelle Souza Pataxó
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=898&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more898>
Funasa dá pouca assistência a aldeia Bahetá. Yonana entrevista Telma
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1244&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1244>
Funai nega o apoio ao índio. O que nos deixa muito triste no setor da Funai, é que alguns funcionário que atuam no órgão não pensam em nós, só quer ter o lucro... Por Yonana Pataxó.
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=1060&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more1060>
Funai só presta assistência aos brancos. Por Yonana Pataxó-Hã-hã-hã.
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=348&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more348>

A Saúde piorou

Eu *tou* vendo aí que a gente está abandonada em quase tudo na área de saúde. Porque a FUNAI entregou para a FUNASA, para se ver livre da gente. Disse que era para melhorar, mas com a FUNASA piorou. Porque às vezes a gente adoece aqui na Água Vermelha, a gente está sem assistência. Não tem nenhum carro, não tem nenhum meio de comunicação... e quando a FUNASA aparece, é difícil. Tem um médico que atende de quinze em quinze, eles vem, consulta os índios, passa o exame, dá no mesmo, porque o exame vai lá para as enfermeiras marcar as consultas, vai lá para Itabuna ou Camacã ou Pau Brasil, elas engavetam os pedidos de exame, e aí pronto, o índio fica na pior. E com os remédios... é a dificuldade que é. Quando o remédio chegar, se for para morrer o cara já morreu. Ficou pior com a FUNASA. Sem carro... quando as mulheres ganha um neném aqui, é aquela dificuldade... Aqui na Água Vermelha mesmo tem uma história que uma menina ia ter o primeiro filho, deu o ardor, não teve assistência, passou



da hora de fazer o parto e a criança nasceu morta. Vários casos *tá* tendo por aí... muita criança já morreu por falta de assistência. Sei que vem para eles esse dinheirão todo para fazer assistência da gente, e a assistência tá cada vez mais piorando. As doenças estão aumentando, porque os índios não têm onde arrumar remédio, e os que *tá* para operar *fica* aí esperando. Hoje as enfermeiras querem morar na cidade, não vem ninguém *pro* mato.

Nossos Rituais

A religião dos Índios não tem maldades

É o ritual sempre foi para nós uma coisa importante. Os nossos troncos antepassados, jamais eles teria reconhecimento de uma festa, um forró, um samba, mas sim, o povo todo sempre comemorava aquela dança.

Quando estamos tristes nós dançamos para ficar alegre, se estivermos alegre, nós dançamos para comemorar nossa alegria.

Também hoje nós temos o nosso casamento indígena que nós mesmos realizamos através da nossa dança. Para fazer um casamento, o padre exige que aquele casal que vai se casar seja de maior, porque ele não podia fazer o casamento de menor. Isso nós consideramos um desrespeito à nossa cultura, nossa tradição em relação ao casamento, porque o índio casa cedo. Nesse casamento nós temos a oração, temos o incenso e o cachimbo que é para espantar o mal. Naquele momento as fumaças incensadas, as fumaças cheirosas, com a resina do jatobá, com a resina da "mesca", com o capim de aruanda, com o capim santo, com erva cidreira, entre outras raízes cheirosas misturadas para que seja incensado esse casamento é consagrado, considerando que essa fumaça levou todo o mal. Temos nossas orações e temos também a bebida tradicional, que é uma bebida bem preparada. Ela tem sete *apreparo*. Nós temos o caldo da cana, que a cana é moída para tirar o caldo, nós temos a mandioca, que botamos para *pubar* no caldo da cana juntamente com mel de abelha. Isso vai para dentro de um pote e é enterrado por oito dias, e depois desses

oito dias ele é arrancado, coado. E temos mais quatro *apreparos*, que isso é um segredo que nós temos guardado. Hoje nós Pataxó-Hã-hã-hãe já ocupamos aproximadamente 16 mil hectares de terra aqui na região, e a gente agradece no ritual, porque sem o ritual a gente não conseguiria resistir a tanta pressão. Nossa luta só vai para frente com o nosso ritual. Tem os espíritos que são os protetores da nossa luta, aonde temos visões, recebemos as orientações.

Naílton Pataxó





Olá, eu sou índio da Etnia Baenã, que quase foi extinta, mas graças a minha mãe Maura Titia e minha tia, Maria Preta, hoje existe um geração Baenã. A minha etnia junta com outras formam o povo Pataxó-Hã-hã-hãe.

Antes de contar a história eu gostaria de refletir sobre o que muitos brancos acham do índio, quando o índio se expressa bem. Aqueles índios que falam bem o português são discriminados pelos brancos. Eu quero mudar essa visão errada, pois o índio é um ser humano e tem a mesma capacidade de aprender e criar igual ao branco. Existem pessoas que quando vê um índio que sabe se expressar, falam que não é índio, mas se o índio não aprendesse a ler, escrever e entender da política, não estaríamos contando

a nossa história de resistência.

O povo Pataxó é considerado uma comunidade guerreira, por ser uma prova viva de resistência e luta. A nossa aldeia foi demarcada, em 1936, é uma área de 54 mil e 105 hectares. Os fazendeiros, até 1982, ocupavam quase toda a terra, mas nessa época fizemos retomada na fazenda São Lucas, uma área de 1.079 hectares, onde vivíamos em torno de 65 famílias, a fonte de renda era a agricultura. O que produzíamos era vendido na cidade de Pau Brasil, a venda era insuficiente para a manutenção das famílias. Tínhamos o apoio da FUNAI, que cuidava da saúde, educação, agricultura e transporte. Não era um bom atendimento, mas para quem não tinha nada era alguma coisa. A primeira professora índia da aldeia foi Maria Muniz, que ensinava do ABC à 4ª série. De acordo o tempo foi passando os alunos foram se multiplicando, a comunidade crescendo, começou a aumentar o número de professores. Como na aldeia não tinha um colégio que atendia de 5ª à 8ª séries e ensino médio, era obrigado os alunos estudarem na cidade. As dificuldades eram grandes. A distância da aldeia até a cidade é de cinco quilômetros e era feita a pé. Não tínhamos muita amizade com a população de Pau Brasil, pois eles viam a gente como bicho do mato. Algumas pessoas falavam: “Índio comedor de abóbora”, “Índio comedor de carne de gente”. Depois os anos passaram e o número de alunos aumentou. Aí fomos quebrando o gelo do preconceito e da discriminação na cidade. Íamos em grupo de 25 a 30 alunos para estudar, antes de chegar na cidade tomávamos banho no rio Córrego Verde, que fica 500 metros antes da cidade. A roupa que a gente vestia para estudar era fornecida pela FUNAI, também o material escolar. Quando foi em 1997, aconteceu a morte do índio Galdino, aí o nosso povo retomou cinco fazendas. O reflexo da retomada deixou os fazendeiros furiosos, começou a ameaçar os estudantes, sofremos muito por nós sermos alvo fácil. No mesmo ano éramos 60 estudantes, mas devido às ameaças desistiu a maioria. Os fazendeiros juntos com pistoleiros chegaram até invadir o colégio à procura de índios, mas, graças a Tupã, conseguimos pular o muro e

Do jovem estudante Fábio Titia

escapamos. No mesmo ano foi queimada uma Kombi da FUNAI em frente do colégio municipal. No ano de 1998, retomamos mais cinco fazendas, aí foi que piorou mais a nossa situação.

A FUNAI alugou um ônibus para nos conduzir. Quando voltávamos do colégio em torno das 22 horas, fomos surpreendidos, num trecho escuro, por ataque de pedra gigante que caiu na tela do ônibus – foi terrível, mas graças a Deus ninguém foi atingido pelas pedras.

Pelo fato de nós sofrermos muito, fizemos um projeto para que o órgão tutor construísse um colégio na aldeia, onde tivesse o ensino fundamental e médio, tudo isso para que nós não nos expuséssemos tanto a essa situação. Quando foi em 2000, foi aprovado o projeto, e, em 2001, foi construído o colégio. E no mesmo ano houve uma grande retomada denominada Arrastão, atingiu 50 fazendas. Nessa ocupação tinha fazendas grandes e pequenas. É uma região considerada perigosa, até o nome diz tudo: Água Vermelha. Era uma região rica, até que chegou a bruxa, uma praga que dá no cacau. Diziam antigos moradores que toda semana morria pessoas assassinadas. Com todos os desafios e dificuldades no ano passado (2003), foi difícil para nós estudarmos na cidade. E na aldeia, a região de Água Vermelha e Caramuru, todos os alunos para estudar têm que passar por Pau Brasil. É por isso que nós sofremos muito ainda. Teve alunos que foram espancados, ônibus que foi fechado na estrada por emboscada de pistoleiro, até ser quebrado o vidro por *cabeçada* de escopeta, motorista que foi agredido e ameaçado para não nos carregar. Teve também um ônibus que a FUNAI comprou para nós que foi queimado. De um ano que teve unido 602 alunos, 30% conseguiram continuar os estudos.

Com todas as dificuldades do ano de 2003, eu, Fábio Titia, junto com Ednei Dantas, Alessandra Gomes, Aliana Gomes e Zenaide conseguimos concluir o 2º grau na cidade de Pau Brasil. Me orgulho muito pela minha luta e coragem de desafiar o preconceito e a discriminação. Participamos da cerimônia com nossas roupas tradicionais, para mostrar a nossa cultura e o orgulho de ser índio e de termos conseguido conquistar o nosso objetivo.





DONA MARIA "BENZEDEIRA": Para contar o sofrimento que a gente já passou aqui, eu acho que um dia é pouco. A gente aqui já tem e vem sofrendo ainda.

PAULO TITIÁ: Quando o SPI estava aqui, o que foi que eles fizeram com vocês?

DONA MARIA: O que fez foi começar a matar a gente! Porque os fazendeiros queriam tomar o lugar aqui da gente, aí porque a gente não queria entregar, chegaram e mataram Zé Martinho, mataram Manoel, meu primo... Pegaram a turma dos índios e levaram para a sede do Caramuru.

PAULO: Que hoje é Bahetá, não é? DONA MARIA: É. Levaram-nos, pisando nos calcanhar como se nós fossemos animais. Lá, Deus ajudou que soltaram. Já nós *tava* tudo dormindo no mato e os jagunços queriam nos matar, acabar com tudo. E a gente ia tudo dormir no mato, um dia *tá* chovendo, um dia *tá* fazendo sol... Meu Deus do céu! E cada mulher carregava os filhos para debaixo dos pés de pau, tudo para se esconder. Quando nascia o dia, as velhas iam em casa, para fazer uma farofa na carreira e voltar para dar aos filhos no mato. *Lutemos assim... Com pouco pegaram a matar os índios. Mataram o finado Zé Martinho, mataram o Manoel... E mataram mais. Aí o povo pegou correndo tudo. Caiu tudo fora, e foi tudo para as fazendas. Nós mesmo fomos para Fazenda Santa Maria, e os outros se esparramou tudo, uns para Mato Grosso, outras para o Xumbu... Meu irmão morreu lá no Xumbu. Esparramou assim, uns para um canto, outros para outro, e de uns tempos para cá é que a gente *tá* se juntando aqui de novo. Minha gente, vou dizer: a gente aqui já sofreu. Quando a gente ainda tava sossegada, ia no mato matar uma caça, comia, ia no rio pegava um peixe, comia... Depois que pegou esse desespero, quem pode mais caçar nem pescar?*

PAULO: Você tem lembrança assim do Titiá, Ôhak, Natiko, Nokai?

DONA MARIA: Ôxente, esses aí eu conheci tudo. Natiko foi pegado no mato, Titiá foi pegado no mato, Rosalina foi pegada no mato, Ôhak foi pegado no mato, Bahetá foi pegada no mato, esses menino foram todos pegados no mato. Tamany foi pegado no mato, que veio do mato dos Kiriri, Zé Butx... Quando pegaram as índias mães

deles, eles eram tudo pequenininhos. Criaram na sede. Conheci tudo... Natiko morreu de varíola.

PAULO: O que há de problema mais grave aqui na área, na opinião da senhora?

DONA MARIA: Meu filho, como tem muito branco no meio da gente nosso povo índio está se desunindo.

PAULO: E a senhora sabe assim como é que é a questão da FUNAI? Está dando assistência à senhora? A FUNASA?

DONA MARIA: A FUNAI *tá* dando nada a ninguém! Qual é a despesa que a FUNAI *tá* dando para quem? Ninguém não abre o olho para passar vida de cachorro, não! A gente não passa mal porque cria galinha no terreiro. Quando se vê apertar, nós *mata* um pinto e come. Mas de FUNAI? O que é que a gente vem pegando aqui?

PAULO: A senhora conheceu tudo aqui quando era mata, muita caça, muitos rios e peixes, não é?

DONA MARIA: Pois é, ali era tudo mata. Tinha uma aberta ali, outra acolá, em cada aberta tinha uma casa, e agora *tá* tudo aberto, tem muito capim, e nós não temos gado para comer esse capim.

PAULO: E quem foi que deu essa ordem aos fazendeiros para tomar conta dessas terras, desmatar a floresta?

DONA MARIA: Quem deu essa ordem foi doutor Santana e Zé Brasileiro, o Silva. *Foi* esses quem deram a ordem.

PAULO: Eles eram funcionários do SPI?

DONA MARIA: É.

PAULO: Isso foi em que ano que eles deram essa ordem?

DONA MARIA: Menino, não sei.

PAULO: A senhora tinha que idade, mais ou menos?

DONA MARIA: Podia ter tido 14 anos.

PAULO: Isso foi nos anos 40, por aí, *né*? Arrendaram todas as terras.

DONA MARIA: Quando os homens chegavam, botavam a gente para correr. Eu e minha mãe, a gente deixou um pedaço de feijão maduro, abóbora, maxixe, melancia, de tudo que a gente tinha plantado, tudo já maduro, pronto de arrancar. Daí a gente largou tudo lá, saímos correndo.

PAULO: Qual é o nome da senhora?

DONA MARIA: Meu nome é Maria de Jesus do Rosário. Foi o padre quem me deu.

CONHEÇA O ARCO DIGITAL: www.indiosonline.org.br/blogs

Nasci (1952) nessa fazenda da Califórnia. A primeira água que eu bebi foi lá. Depois, tivemos que sair tudo corrido... Mas minha mãe falava muito de lá... Depois Deus chamou ela para a verdade... E ela se foi... Nós só ficamos em três irmãos e tivemos que sair e morar no Estado (fora da aldeia)... *Alembro* que minha mãe sempre dizia que aquela terra era nossa... Que um dia íamos voltar lá e eu fiquei com essa cantiga (esperança, lembrança, pedindo a Deus), que eu só queria uma terra se fosse aquela lá... E agora chegou a hora, nós índios fizemos a retomada e estou lá, muito alegre. Eu pedi e eu peço a Deus para mim como também para o fazendeiro, porque eu não desejo o mal p'ra ninguém.

Maria de Joana Pataxó

Graças a Deus voltei

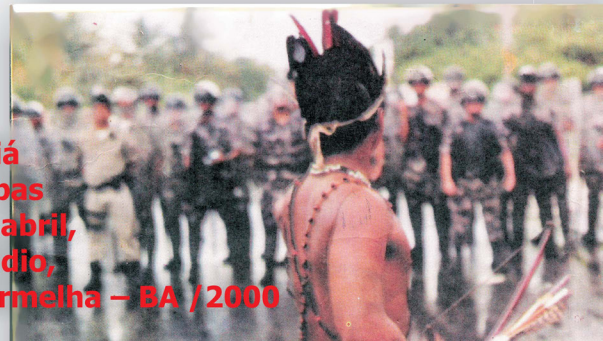


Índios de hoje

Agora em 2000, para a gente foi muito brilhante, porque foi quando conseguimos encontrar com todos parentes, conseguimos juntar toda a comunidade indígena do Brasil todo... Foi aonde teve aquele massacre, foi visto pela televisão no mundo inteiro, e eu estava lá com a minha família. Recebemos aquelas bombas, aquelas tropas de choque, ficando claro para a sociedade e para o mundo o que o governo vem fazendo e ainda faz *com nós*. Aquilo foi um massacre ao vivo, e o que eles já fizeram escondido com tantos índios que morreram na nossa aldeia caladinho? Hoje a gente não morre mais calado, hoje a gente tem a

oportunidade de falar e mostrar o que passa. Hoje temos mais oportunidade de lutar pelos nossos direitos, de pedir o que nós queremos, hoje tem a oportunidade de lutar pela saúde, pela educação, para ter uma vida melhor. A gente já sabe os caminhos de fazer as cobranças do governo, das autoridades... e tem mais lideranças, o índio de hoje sabe se defender. Não é mais aquele tempo do meu pai que quase todos morriam caladinhos... Hoje até conseguimos Internet, que nos ajuda muito. Sempre eu falo assim com meus irmãos índios: Que nós não é de desanimar. Se a gente já resistiu, já *passemos* muita discriminação, muito sofrimento, e hoje nós estamos até aqui, não vamos desanimar, vamos trabalhar, vamos lutar. É nosso direito, ninguém pode tirar. Nós *quer* uma melhora para o futuro, para os nossos filhos. Eu mesmo desejo aos meus filhos, aos meus netos, aos netos de toda a comunidade, que tenham uma vida melhor, uma terra sadia, uma água limpa, que a nossa água hoje *tá* poluída, não é mais aquela água limpa, aqueles rios limpos de antigamente. E que o governo ajude, faça Justiça como deve ser, não para acabar com as comunidades indígenas. Para dar aos índios o que eles merecem. Que os índios não têm culpa da ganância de poder deles. Os índios são um povo que luta para sobreviver, mas sem ganância. Quer viver com a natureza, quer ter seus remédios da natureza, quer sua alimentação sadia. E o que gente vê aí que o governo faz com as comunidades indígenas, não é só a nossa comunidade, outras comunidades que a gente vê aí também enfrentam esse sofrimento, o governo tirando o direito das comunidades.

**Fábio Titiá
nas Bombas
de 19 de abril,
Dia do Índio,
Coroa Vermelha – BA /2000**



Aldeia Bahetá

A aldeia indígena Bahetá é uma aldeia muito antiga. Foi lá que o SPI instalou a primeira sede da região, em 1926. Os índios que eram capturados no mato eram trazidos e mantidos em um casarão para serem “domados”. Os índios que “vieram” do mato sofreram muito, pois tinham que se adaptar

com o novo clima, com os alimentos, remédios e outra cultura. Índios como: Bahetá, Onhak, Natico, Txitxiá, Nonkai, Nicô, Rosalina, Txitxiaka, Anporá e outros morreram por maltratos e hoje seus descendentes herdaram essa história que na verdade serve de reforço para nossa luta.

A aldeia Bahetá está sempre lutando para não perder mais território, suas crenças e sua cultura. Sofremos muito pelo descaso da FUNAI e da FUNASA que aos poucos nos tratam como se fôssemos bichos, a FUNAI só nos atende com cestas básicas que chegam de ano em ano, nós não queremos ser vistos como pessoas miseráveis que para viver depende de ajuda do governo. Queremos, sim, que a FUNAI nos forneça projetos dando-nos a possibilidade de produzir nossos próprios alimentos, é disso que a nossa comunidade está precisando.

A escola Indígena Bahetá, que hoje assiste a um grupo de alunos da própria aldeia, foi um esforço e conquista da comunidade, e esse é um motivo de muito orgulho para os índios da aldeia. Desde 1999 que as crianças não precisam sair para ir estudar na cidade. O melhor de tudo isso é que lá damos principal importância ao ensino da nossa própria cultura indígena e da nossa própria história.

A escola foi fundada em 1999 e recebeu o nome de Bahetá em homenagem à índia que nos ensinou muito sobre nossos direitos e de como lutar pelos nossos ideais.

Reginaldo Ramos dos Santos

Cacique da Aldeia e professor da escola.



ONHAK O CAPITÃO.

Antigamente nós não tínhamos cacique, tínhamos capitão.

ONHAK era respeitado por todos e sabia manter a ordem do nosso povo. Era sábio, forte e tinha como símbolo da aldeia uma espada, toda cravejada de pedras de diamantes no cabo e a bainha banhada em níquel. Mas o capitão gostava mesmo era de um PUHUY (arco e flecha) com o qual treinava diariamente. Tinha uma habilidade muito grande, ele jogava a flecha para o alto e colocava o pé sob a mira da seta que caía de ponta entre os dedos, assim conquistando o respeito não só dos indígenas, mas também dos não-índios.

Onhak não falava a língua portuguesa com clareza, fazia questão de conservar a sua língua tradicional. Gostava de comer peixes, batatas e o coco de licuri.

Onhak não teve uma vida digna de um capitão, tanto ele como outros índios que foram brutalmente trazidos para o cativeiro criado pelos funcionários do “Serviço de Proteção ao Índio” (SPI), todos morreram de maltratos. Foram forçados a se adaptar a uma outra cultura, a comer alimentos diferentes dos seus. O sal foi implantado nas veias dos índios intoxicando-os, matando-os, do jeito que os fazendeiros queriam. Com a dizimação dos índios, poderiam pegar as terras...

Hoje, o povo Pataxó-Hã-hã-hãe tem orgulho de herdar os ensinamentos deixados pelos índios velhos, aqueles que derramaram seu sangue para garantir a posse de nossas terras. Essa história e outras contadas pelos anciãos de nosso povo são repassadas para as crianças e jovens através das rodas de contos e na escola.. Os índios velhos que tombaram pela luta indígena, como: Onhak, Bahetá, Txitxiá, Rosalina, Natico, Basílio Muniz, Desiderio, Samado e outros, não morreram, apenas trocaram suas vidas pela garantia de terra para seus filhos.

Reginaldo Ramos dos Santos.

Cacique da aldeia Bahetá



PATAXÓ-HA-HA-HÃE SEMPRE NA LUTA. O Cacique “Akanawan” conversa com Yonana
<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=560&more=1&c=1&tb=1&pb=1#more560>



Desde 2005 os índios Pataxó-Hã-hã-hãe reforçam suas caminhadas entrando nas salas de aula das escolas das cidades para promover a valorização da diversidade cultural e a paz; visitam Universidades, Centros de pesquisa, Associações e os poderes públicos brasileiros e internacionais. Sempre lutando por seus direitos, sempre buscando a paz.

Contando com o apoio da BRAZIL FOUNDATION, da UNESCO, das prefeituras de CAMACAN e PAU BRASIL, a ONG THYDEWAS, o Movimento Negro Unificado, o Grupo de Trabalhos Ambientais (GRUTA), Unidos do Morro de Pau Brasil, Associação Indígena Tupinambá do Caramuru (AITUC), Associação Hãhãhãe Indígena de Água Vermelha (AHIAV), CIMI, ANAI, Fundação Gregório de Mattos, o Centre d'Information Inter Peuples (CIIP) à Grenoble, a Maison des Droits de l'Homme de Limoges (MDH), Rencontres avec le Tiers Monde (RTM) à Draguignan, Réseau des Lieux Associatifs de Création et de Solidarité (RELACS), Le Comité de Solidarité avec les Indiens des Amériques (C.S.I.A.), Ville de Brou sur Chantereine, Ville de Gonesse, RESIA, a campanha: PATAXÓ-HÃ-HÃ-HÃE QUER PAZ cresce a cada dia..



ÍNDIO QUER PAZ

<http://mdh.limoges.free.fr/Pataxó>

Índio Quer Paz .Geraldo no quadro

<http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=9&p=808&more=1&c=1&th=1&pb=1#more808>



VOCÊ SABE QUEM INVENTOU A REDE?

www.indiosonline.org.br

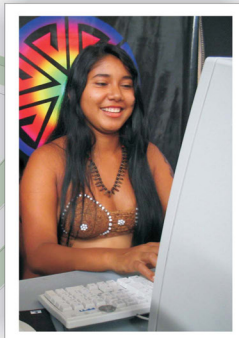
VOCÊ CONHECE UMA REDE QUE ENSINA A PESCAR?

www.indiosonline.org.br/blogs

Juntos:

UMA NOVA PÁGINA NA HISTÓRIA.

Participe!



Eu me chamo Hamahãe. ÍNDIOS ON LINE foi minha primeira experiência com computador. Navegando pela Internet aprendi muita coisa e também mostrei ao mundo que nós índios somos inteligentes e capazes de tudo, às vezes é só ter uma oportunidade. Usando a informática não perdi minha cultura nem minha identidade, pelo contrário, todos nós índios que participamos do programa usamos a tecnologia para nos fortalecer cada vez mais.

A ONG THYDEWAS é composta por indígenas de várias nações e por não indígenas que juntos trabalham por um mundo mais humano, sabendo que a riqueza deste reside na sua diversidade em diálogo.

Agradecemos também a:

Hospedagem



Contabilidade



Administração



Suporte Informática



**Desejo que o mundo nos dê
mais respeito e acabe com a
discriminação e o preconceito.**

**Desejo que nosso povo possa
viver em liberdade, mantendo
sempre a energia positiva
dentro da nossa crença e
cultura.**

Hamahãe



www.indiosonline.org.br

A receita da venda deste livro será revertida
em benefício das comunidades indígenas.



Patrocínio

**Banco do
Nordeste**

O nosso negócio é o desenvolvimento



**Ministério
da Cultura**

**Ministério
da Educação**

